Excertos de Reflexos

Quando levantou a cabeça, pôde mirar-se no espelho, constatando um novo estado de espírito, uma nova chama brilhando nas íris, qual renascer inspirado. Sorriu. Gotas insubmissas escorriam-lhe pela face, caindo, insonoras, na pia branca. Ficou algum tempo a observar-se. Era por vezes assustador constatar que ele era aquela pessoa. E, se olhasse com atenção, de forma profunda, podia perceber que não se reconhecia, que não se identificava com aquele ser, aquele homem, aquela máscara que transportava todos os dias. Deixou-se levar até ao limiar do desconhecido e desviou a cara irreconhecível do espelho. Usou a toalha castanha como refúgio da alma. Esfregou bem os olhos e toda a face e voltou a colocar a toalha no suporte. Lançou novo olhar para o seu reflexo, usando de uma certa abstracção para não se enredar em pensamentos metafísicos desnecessários, mas não deixou de se sentir algo preso a questões que o atormentavam, de tempos a tempos, e que voltavam a toldá-lo naquele momento. Quantas vezes se detivera, olhando para as formas que adquiria diante da superfície espelhada? Quantas vezes se perdera diante de si próprio, tentando encontrar-se num estranho labirinto que se formava nos seus olhos, qual fosso profundo e infindável? Quantas vezes se questionara acerca da verdade escondida por detrás daquele olhar, por detrás da sua máscara? Por mais que se aventurasse, por mais longe que se lançasse à descoberta de si, mais questões surgiam e menos se conhecia. Era um caminho impossível. Teve de abandonar a demanda, mais uma vez.

Richard Towers, *Reflexos,* pág. 2

De repente, um sino começou a tocar. Era fora da estrutura, mas troava como um pêndulo mordaz dentro da sua cabeça. Olhou para o tecto abobadado. A pintura tinha outra vida, outra luz, como se tivesse sido pintada há apenas alguns dias. Nela, cinco anjos planavam, livres. O abismo não existia. Sentiu um cheiro estranho, um cheiro a antiguidade, a passado. Olhou para trás. Um som de vozes difundia-se, vindo do lado de fora da grande porta. Sentiu-se tentado a ver o que se passava, a descobrir de onde provinha o alarido. Aproximou-se da entrada e empurrou a porta. Espantou-se.

Carruagens do século passado circulavam sobre a rua calcetada. Havia ardinas e saltimbancos e os edifícios tinham formas neo-românticas. Homens de chapéu alto e paletós passeavam com senhoras de vestidos largos e espartilhos apertando peitos voluptuosos. Era um ambiente vitoriano; tresandava a dejectos de cavalo e esgotos a céu aberto. Victor sentiu-se nauseado. Não pertencia àquele tempo. Desorientado, fechou a porta e encostou-se, com falta de ar. Quando olhou para o interior da igreja, esta estava totalmente transmudada. Havia extensos bancos em paralelo com genuflexórios e vários confessionários ao longo das paredes. Algumas estátuas, umas de pedra, outras em madeira, pontificavam nos diferentes cantos da abside. Ao fundo, a talha dourada exibia todo o seu esplendor e requinte; ao centro, qual símbolo máximo da opulência religiosa, um trono com um enorme espaldar e pomposos rebordos imperava, enquanto por cima, Cristo pendia de uma cruz marmórea, sofredor e despido. Victor não acreditava no que via. O seu sonho começava a ganhar contornos cada vez mais estranhos.

Richard Towers, *Reflexos,* pág. 160